



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**ANDRÉA BENTO DE FARIAS**

**IDENTIDADE NORDESTINA NO OLHAR DA LITERATURA**  
**BRASILEIRA**

**ITAPORANGA-PB**  
**NOVEMBRO/2014**

**ANDRÉA BENTO DE FARIAS**

**IDENTIDADE NORDESTINA NO OLHAR DA LITERATURA  
BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do título de especialista.

Sob a orientação do Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues

ITAPORANGA-PB

NOVEMBRO/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F224i Farias, Andréa Bento de  
Identidade Nordestina no Olhar da Literatura Brasileira  
[manuscrito] / Andréa Bento de Farias. - 2015.  
34 p.

Digitado.  
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.  
"Orientação: Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues, PROEAD".

1. Educação. 2. Identidade Nordestina. 3. Os Sertões. I.  
Título.

21. ed. CDD 370

**ANDRÉA BENTO DE FARIAS**

**IDENTIDADE NORDESTINA NO OLHAR DA  
LITERATURA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do título de especialista.

APROVADA EM: 29 / 11 / 14

Adalberto Teixeira Rodrigues

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues (UEPB)

Orientador

Alberto Edvanildo S. Coura

Prof. Ms. Alberto Edvanildo S. Coura (UEPB)

Examinador

Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

Prof<sup>a</sup>. Ms. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)

Examinadora

**Itaporanga – PB**

**2014**

## **DEDICATÓRIA**

A **DEUS**, pela força e amor.

Aos meus pais, **Francisco** e **Rita**, pela educação,  
incentivo e por ficar com meus filhos enquanto eu estudava.

Aos meus filhos, **Ítalo** e **Igor**, razões de minhas lutas.

Ao meu marido **Idalberto**, pelo companheirismo.

A minha aluna **Ilmara**, por me fazer gostar de ser professora.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Espírito Santo, por estar sempre ao meu lado, me dando força e coragem em qualquer coisa que eu faça.

Ao orientador, Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues, pela colaboração, paciência e confiança.

“E nossa estória não estará pelo avesso assim, sem final feliz,  
Teremos coisas bonitas pra contar”

Renato Russo

## RESUMO

Esse estudo trata da identidade nordestina sob o ponto de vista de Euclides da Cunha no livro *Os Sertões* e também a visão de Graciliano Ramos no livro *Vidas Secas*, como essa imagem foi passada em seus livros, além de considerações de teóricos sobre o assunto. O nosso objetivo geral foi investigar a identidade do nordestino, como a literatura descreveu o sertanejo, suas características e seu modo de vida. A metodologia utilizada foi o estudo de teóricos sobre o tema identidade nordestina, leitura de artigos e revistas, além de análise de trechos dos livros, mostrando a força do determinismo, a opressão feita pela falta de comunicação e o abandono destes nordestinos por parte do governo. Com base neste estudo, podemos perceber que a imagem do nordestino sempre foi de sofredor, submisso, castigado pela seca, pelo clima, pelo destino, abandonado, derrotado, humilhado, e os autores Euclides da Cunha e Graciliano Ramos estavam mostrando ao mundo que esse povo precisava de ajuda do governo.

**Palavras-chave:** Identidade nordestina. *Os sertões*. *Vidas secas*.



## **ABSTRACT**

This study deals with northeastern identity from the point of view of Euclides da Cunha in the book *Os Sertões* and also the view Graciliano Ramos in the book *Vidas Secas*, how this image was passed in his books, apart from theoretical considerations on the subject. Our overall objective was to investigate the identity of the northeastern, as the literature described the backcountry, their characteristics and their way of life. The methodology used was the theoretical study on the topic northeastern identity, reading articles and magazines, in addition to analysis from the books, showing the power of determinism, the oppression of the lack of communication and the abandonment of these northeastern by the government. Based on this study, we can see that the image of the northeastern always been sufferer, submissive, punished by drought, by climate, by destiny, abandoned, defeated, humiliated, and the authors Euclides da Cunha and Graciliano Ramos were showing the world that people needed government help.

**KEYWORDS:** Northeastern identity. *Os sertões*. *Vidas secas*.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. IDENTIDADE NORDESTINA .....</b>	<b>11</b>
<b>3. O NORDESTISMO DE EUCLIDES DA CUNHA E DE GRACILIANO RAMOS.....</b>	<b>15</b>
3.1 Os Sertões – Euclides da Cunha .....	15
3.2 Vidas secas – Graciliano Ramos .....	20
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A identidade nordestina é carregada de preconceitos e visão submissa, mesmo com o passar do tempo o homem do sertão é visto como aquele que passa fome e sede, aquele que não trabalha e é visto como incapaz.

O tema foi escolhido para buscar a visão de nordestino que foi passado pela literatura, de um nordestino pobre, preguiçoso, inocente humilde.

O objetivo do trabalho foi investigar a identidade nordestina, e como a mesma foi repassada nos livros de Euclides da Cunha e Graciliano Ramos. O estudo foi feito de cunho bibliográfico, analisando trechos dos livros e considerações de teóricos como: Stuart Hall, Renato Ortiz, Edgar Salvatori de Decca, entre outros.

O trabalho trata em primeiro plano da identidade nordestina, como foi propagada pelas teorias do século XIX, como o nordeste era visto e tratado. Em seguida a questão é abordada através dos livros: *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

A visão de Euclides da Cunha em relação à identidade nordestina é determinista, isso se faz claro na estrutura do livro, pois este é dividido em três partes: A terra, O homem e A luta. O autor inicia detalhando a terra, o clima, a fauna e a flora do sertão nordestino; depois descreve o homem, fruto dessa terra, em partes o coloca como inferior, mas em outras exalta o sertanejo por ser forte e sofredor, assim como a terra em que vive, ambas sofrem com o clima, a seca, mas ambas também conseguem sobreviver. Por último descreve a luta, que foi a guerra de Canudos acontecida nos anos de 1896-1897; o jornalista chegou lá com o pensamento de que os sertanejos lutavam por monarquia, contra a república, enxerga que lutam apenas por direitos, por valorização humana, por moradia, por suas vidas.

Em *Vidas Secas* o nordestino continua com a mesma identidade de sofredor, isolado e esquecido pelo governo. Fabiano e sua família, Sinhá Vitória, o menino mais novo, o menino mais velho e a cachorra Baleia, representam os nordestinos. Esses são assim como os nordestinos de Euclides da Cunha, oprimidos pelas leis, pelo governo, pelo patrão, pelo soldado. Para a sociedade não são homens, são bichos, são brutos; a diferença está no modo de enfrentar seus problemas; os sertanejos de *Os Sertões* lutam contra o governo, os nordestinos de *Vidas Secas* são silenciados, não sabem falar; a eles não lhes é dado esse direito, assim como os animais, lutam apenas por sobrevivência.

Fabiano tem consciência de sua não posição na sociedade, não sabe falar, não consegue se defender das injustiças, não tem a quem recorrer, não há lei para ele; e quando há, é a lei da

opressão. Seus filhos por sua vez não têm nomes, são chamados de Menino Mais Novo e Menino Mais Velho; assim como o pai, não sabem falar, sabem imitar animais; eles têm uma cachorrinha chamada Baleia; o autor os compara como iguais, são submissos, estão atrás de alimentos, lutam apenas para sobreviver, não esperam nada mais da vida. Sinhá Vitória é quem melhor se comunica e sabe fazer contas, sonha com uma cama de couro. Fabiano por sua vez só quer ser gente, mas a sociedade, o sistema em que vive não permite.

## 2. IDENTIDADE NORDESTINA

Definir identidade parece ser fácil, principalmente em se tratando da nossa; é nos definir, nos mostrar como somos; sou brasileiro, sou nordestino, sou forte, sou vencedor. Ao nos definirmos buscamos os melhores adjetivos, o diferente e feio será o outro. Mais fácil do que nos definir parece definir o outro. Mas como nossa identidade é formada? Como é formada a identidade do outro?

Segundo DECCA (2002), as ciências humanas definem a identidade como uma dimensão da consciência que diz respeito aos valores individuais e coletivos. De acordo com a definição psicanalítica, o processo de identidade parte de atribuições impostas ao sujeito.

Para Hall (2009), a identidade e a diferença são criações sociais e culturais; a partir do convívio com o social e o cultural nossa identidade vai se formando, uma identidade ou muitas identidades, o que significa que nem todos de uma mesma sociedade terão a mesma identidade.

As identidades estão sujeitas a fatores de poder. Algumas identidades não são definidas, mas simplesmente expostas (Hall, 2009). A identidade do dominante dirá quem é normal ou anormal, bom, mal, fraco, incapaz, quem está incluído e quem está excluído.

Hall (2006) distingue identidade em três concepções: Sujeito do Iluminismo, Sujeito Sociológico e Sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo era individualista o centro do eu era sua identidade, o sujeito sociológico forma a identidade a partir da relação com outras pessoas e o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, ela é formada pelos sistemas culturais que nos rodeiam.

Já Manuel Castells (2000, p. 24, apud SAID/VIANA, 2012, p.3) afirma que

há três formas de construir uma identidade: a *legitimadora*, estabelecida pelas instituições dominantes da sociedade; a de *resistência*, criada por pessoas comuns que se encontram em posições desfavorecidas ou dominadas; a de *projeto*, onde os agentes sociais buscam transformar e redefinir sua posição na sociedade com a utilização de qualquer material cultural disponível.

Existem muitas definições para identidade e suas funções, mas há algo em comum nas definições que são a relação de hierarquia que existe em relação à identidade e a diferenças, quem é o diferente? É em grande parte aquele que luta por direitos, moradia, saúde, educação, respeito perante a sociedade.

Segundo N. G. Canclini (1999, apud SAID/VIANA, 2012, p.3), “a identidade é uma construção que se narra”, ela vai se formando a partir da convivência do sujeito em seu meio,

a partir de “acontecimentos fundadores” convivência com o outro, diferenças, lutas por espaço, território.

Os teóricos afirmam que a identidade é formada pelo meio em que vive o sujeito, e a classe dominante será a que dita as regras da normalidade, o que é certo, aceito e bonito, contra o que é errado, feio e diferente, cabendo a classe dominada, inferior lutar pelos seus costumes e pelo direito de ter uma identidade, e o respeito.

De acordo com Bauman, a identidade não é fixa, ou homogênea; esta dependerá da vida, das decisões, dos caminhos e da maneira como o indivíduo age perante o mundo.

A “identidade nacional” foi desde cedo o início, e continuou sendo por muito tempo, uma noção *agonística* e um grito de guerra. Uma comunidade nacional coesa sobrepondo-se ao agregado de indivíduos do Estado estava destinada a permanecer não só perpetuamente incompleta, mas eternamente precária (BAUMAN, 2005. p 27).

A identidade nacional foi incompleta e precária, a ela foi destinada uma identidade de luta por direitos e valores, além de sofrer uma inferioridade em relação ao não desenvolvimento. De acordo com Bauman (2005), a identidade foi construída pelo Estado, traçando fronteiras entre o “nós” e o “eles”, criando as diferenças e as superioridades entre os povos. A identidade nordestina é vista dentro do Brasil como inferior também, pelo fato de não haver riquezas, de estar numa região de clima seco, de apresentar dificuldade de viver na terra.

A identidade nordestina ainda carrega em si a imagem das teorias raciais do século XIX. O evolucionismo consolida a consciência de poder da elite europeia” (ORTIZ, 2006), exaltando a elite e rebaixando as classes baixas, levando em conta o meio ambiente, afirmando que para o Nordeste não haveria civilização, pois as condições geográficas não permitiriam.

Aceitar as teorias evolucionistas implicava analisar-se a evolução brasileira sob as luzes das interpretações de uma história natural da humanidade; o estágio civilizatório do país se encontrava assim de imediato definido como “inferior” em relação à etapa alcançada pelos países europeus (ORTIZ, 2006, 15).

Essas teorias foram aceitas em grande parte por alguns escritores da literatura, inclusive Euclides da Cunha, que foi um dos primeiros autores a retratar a vida do nordestino. Assim como a imagem do Nordeste foi propagada de forma inferior a do Brasil também o foi, o que era levado em conta era o meio e a raça. “A compreensão da natureza, dos acidentes geográficos esclareceria assim os próprios fenômenos econômicos e políticos do país” (ORTIZ, 2006,16). Assim o Brasil não evoluía porque suas condições geográficas não permitiam, e todo o atraso do Brasil estava atrelado ao meio e a raça. Essa teoria não leva em

conta que o sujeito é capaz de mudar seu destino, capaz de evoluir em qualquer ambiente. De acordo com Orfíz (2006), o Brasil é visto em termos deterministas. O povo nordestino estava determinado pelo seu meio ambiente e sua raça, não poderia mudar nada. O Brasil era atrasado porque sua raça era inferior. Ortiz (2006, p.39) afirma que “Ao se retirar do mestiço as qualidades da racionalidade, os intelectuais do século XIX estão negando, naquele momento histórico, as possibilidades de desenvolvimento real do capitalismo no Brasil.” Para esses intelectuais aqueles mestiços não tinham capacidade de evoluir e fazer parte do desenvolvimento, sendo assim o Brasil era incapaz de evoluir. O olhar dos intelectuais era preconceituoso para com o povo brasileiro e com sua cultura, costumes e mestiçagem. Segundo Felix Keesing (apud LARAIA, 2011, p. 15) “não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais.” O ser humano se adapta ao seu meio e sua cultura, o que irá determinar sua identidade. Sua mente não é diferenciada da mente de outras pessoas, o que o determina é sua educação e o meio em que vive. As diferenças entre os homens não podem ser determinadas pelo seu biológico ou pelo seu meio, já que em um mesmo meio encontram-se culturas diferentes.

A “subclasse” é um grupo heterogêneo de pessoas que – como diria Giorgio Agamben – tiveram o seu “*bios*” (ou seja, a vida de um sujeito socialmente reconhecido) reduzido a “*zoe*” (a vida puramente animal, com todas as ramificações reconhecidamente humanas podadas ou anuladas). Outra categoria que está encontrando o mesmo destino são os refugiados – os sem- Estado, os *sans-papiers* -, os desterritorializados num mundo de soberania territorialmente assentada. Ao mesmo tempo que compartilham a situação da subclasse, eles, acima de todas as privações, têm negado o direito à presença física dentro de um território sob lei soberana, exceto em “não-lugares” especialmente planejados, denominados campos para refugiados ou pessoas em busca de asilos a fim de distingui-los do espaço em que os outros, as pessoas “normais”, “perfeitas”, vivem e se movimentam (BAUMAN, 2005, p.46).

A divisão dos “normais” e “perfeitos” são percebidos com facilidade no livro *Os Sertões*., Os sertanejos não são vistos como cidadãos que precisam de ajuda, ou justiça, são vistos como sem- Estado, pois estão indo contra as normas e leis do governo. Sendo assim não merecem nada do estado, apenas o desrespeito, a indiferença e a vingança de acabar com quem é contra os poderosos. Este pensamento também mostra a animalização do ser humano em *Vidas Secas*, o homem transformado em animal, podado de sua fala e pensamentos. Incapaz de reagir e progredir.

Esses pensamentos preconceituosos não têm mais tanta força quanto antes. Orfíz (2006) explica que o momento em que eles foram engrenados procurava responder às

necessidades daquele momento, não de hoje. Nossa realidade é bem diferente o Brasil e o Nordeste já evoluíram muito.

Basear a inferiorização de certos grupos em características biológicas é mais que um erro científico, é a imposição de uma cultura sobre a outra (HALL, 2001). Não existe uma cultura melhor que outra, ou um povo inferior a outro por seguir costumes diferentes, ou morar em lugares diferentes; cada cultura é adequada ao seu povo, modo de se comportar, ao modo de atender necessidades de um grupo.

De acordo com Silva (2007), deve-se respeitar a diferença porque sob ela há uma mesma humanidade, mas são as relações de poder que criam essas diferenças, fazendo com que o outro seja avaliado negativamente, e o não diferente positivamente. Esse é o olhar dos soldados para o povo de Conselheiro, por exemplo; um olhar pejorativo, um olhar que julga o outro como inferior, incapaz de lutar por seus ideais. No terceiro confronto, comandado pelo coronel Moreira Cesar, houve essa subestimação, ao pensar que seria fácil vencer um inimigo desarmado, sem inteligência, sem força e coragem.

Para Durval Muniz de Albuquerque Junior (2011, p. 6 apud, SAID/VIANA 2012, p. 6), “a nordestinidade foi inventada no início do século XX por intelectuais nordestinos e reafirmada constantemente via jornais, revistas, livros, músicas, e até programas de rádio.” Assim se cria a identidade nordestina baseada em sofrimento e desigualdade, e foi propagada pela mídia. Quando se pensa em Nordeste o que vem na mente é a seca, o sol forte, pessoas com chapéu de couro, mas se esquece das praias, de pessoas vestidas normalmente. Além da diferença entre norte e sul, sendo o sul valorizado por seu clima e sua população branca. Para Euclides da Cunha, (apud, Ortiz, 2006) o Sul tem condições incomparavelmente superiores ao Norte. Enquanto que segundo Vasconcelos (2006) o Nordeste estava associado ao rural, ao atraso, à pobreza e ao abandono.

Mostra-se o povo sofredor, as causas desse sofrimento, mas é necessário mostrar também as falhas do governo, quem poderia ajudar esse povo, e tirá-los do sofrimento?



### 3.0 NORDESTISMO DE EUCLIDES DA CUNHA E DE GRACILIANO RAMOS

#### 3.1 OS SERTÕES – EUCLIDES DA CUNHA

A obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha foi publicado em 1902, está inserido no Pré-Modernismo. O livro trata da guerra de Canudos, descreve os acontecimentos e motivos da guerra, em uma visão determinista, envolvendo o meio e a raça. O ponto de vista do autor é o de fora, de quem acompanhou os militares e não os jagunços.

O livro é dividido em três partes, explicando assim uma visão determinista, A Terra, O Homem e A Luta. No início Euclides da Cunha descreve como é o clima, a vegetação a fauna e a flora do Nordeste; na parte do Homem, ele descreve a religião, retoma a vida de Antonio Conselheiro e o suposto motivo pelo mesmo ter saído em romaria pelo Nordeste, descreve suas vestes, e o povo que ele atraí, que são pessoas pobres, sem ajuda do governo que lhes cobra impostos sem dar nada em troca, não tendo a quem recorrer recorrem a DEUS através de Antonio Conselheiro; este luta contra a República, contra o casamento civil, está a favor da Igreja e da igualdade entre os povos. Muitos lhe seguem, e formam um povoado em uma fazenda abandonada, formam o Arraial de Canudos. Na parte da luta Euclides relata as quatro expedições, local, números de mortos, e ao mesmo tempo que tem uma visão pejorativa do nordestino também tem uma exaltação do jagunço que é forte, corajoso e decidido a ponto de morrer por um ideal e não se entregar.

Ao descrever a terra, como “folhas urtigantes, com espinhos, com gravetos estalados em lança [...] árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos [...] lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante...” (CUNHA, 1998, p.46.), o autor mostra como é triste a caatinga, é uma vegetação que não atrai o homem, pelo contrário o agride. Mas o autor também mostra como essa mesma vegetação que agride o sertanejo também se mostra bonita e verde. “Sobre o solo [...] ressurgiu triunfalmente a flora tropical. É uma mutação de apoteose” (CUNHA, 1998, p.56.). A natureza do sertão não é sempre de seca, de agressão e maus tratos com seus habitantes, é também verde, bonita, agradável e abundante.

“O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral” (CUNHA, 1998, p. 118). O sertanejo é tido como forte, pois devido ao isolamento que sofreu e as condições de adaptação a que fora submetido o fizeram forte.

Além de descrever o sertanejo ainda relata a vida de Antonio Conselheiro antes de o mesmo sair pelo mundo pregando a vinda de DEUS, lutando contra os impostos, o casamento civil, contra o sistema da República. Euclides da Cunha também o descreve como alguém que sofreu com este isolamento. “Não fosse o meio, que o acolhia e aclamava, iria certamente para um hospício. Entrou, no entanto para a história, porque resumiu em sua individualidade os anseios místicos e religiosos daqueles “patrícios retardatário”(FARIA, 1998, p.29). O meio em que viveu Antonio Conselheiro consagrando-o para a história, se este mesmo homem aparecesse em São Paulo, ou no litoral naquele tempo, certamente seria considerado um louco, não lhes dariam ouvidos porque seus anseios não atenderiam uma população não isolada da civilização e da República, uma população com informação. Não precisavam criar um povoado e se isolar do sistema em que estavam inseridos. Para Cunha (1998, p.77) “a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social, estamos condenados a civilização.”

A descrição do sertanejo é bem parecida com a sua terra, já que este é fruto dela,

O homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia regular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito [...] Entretanto toda essa aparência de cansaço ilude. [...] Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. [...] e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente (CUNHA, 1998, p.119).

Podemos perceber que a visão do autor não é puramente preconceituosa, em muitas partes do livro ele exalta o sertanejo por conseguir vencer suas dificuldades. Ao mesmo tempo que Euclides mostra a degradação da terra, mostra também a degradação do homem, não há uma separação entre ambos, são um só, tanto um como o outro são vencedores por sobreviver nesse ambiente seco.

A descrição das condições naturais é uma alusão ao mundo social. Ao descrever as plantas do sertão ele afirmava: “aquelas que unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas sociais. Não podendo revidar isoladas, disciplinam-se, congregam-se, arregimentam-se. São deste número todas as cesalpinas, catingueiras. (CUNHA, 1995, p.53, apud. REZENDE,2001, p.204 ).

A terra é tida como aliada dos sertanejos, já que é também tão parecida com eles por ter um sofrimento pela seca, assim essa terra protege os seus filhos; os sertanejos por sua vez a utilizam como camuflagem, agüentam seus espinhos, conhecem sua fauna e flora e utilizam isso a seu favor. Enquanto que os soldados começam a luta com a terra e não com o jagunço, eles não têm costume de passar fome e sede, não estão acostumados com o calor e as armadilhas desta natureza. “Acabaram-se as munições de boca... A feição da luta agravava-se

em plena marcha, antes de se dar um tiro” (CUNHA, 1998, p. 262). Os soldados precisavam lutar contra a terra, além de lutar contra os jagunços, pois aqueles não são frutos deste meio, logo não estavam acostumados com a fome, a sede, o calor, a fauna e a flora; não sabiam usá-la como aliada, assim era mais um obstáculo para vencer, “ O que era preciso combater a todo transe e vencer não era o jagunço, era o deserto” (CUNHA, 1998, p. 488). Ao mesmo tempo em que o soldado está em desvantagem em relação à terra, o sertanejo está em desvantagem em relação aos armamentos dos republicanos, que tinham canhões, munições e muitas armas, ao contrário dos sertanejos que lutavam com paus, pedras, espingardas, armas muito inferiores e frágeis. Segundo FARIAS (1998), as conseqüências de três séculos de isolamento, por um lado o predomínio da raça fraca (brancos e índios), depois a adaptação do mestiço sertanejo ao meio hostil, o que lhe garante a sobrevivência na seca, e a força para conseguir enfrentar e resistir tanto tempo a guerra que foi travada contra os sertanejos.

REZENDE (2001) afirma que Euclides da Cunha concebe a identidade brasileira como inferior racionalmente. Porém esse brasileiro não quer se assemelhar ao europeu, é melhor ser um brasileiro inferior do que uma cópia europeia.

Esses nordestinos queriam mudar a sua identidade de inferiores, de servidores, de pessoas que aceitam tudo por serem dependentes financeiramente de seus patrões, mas o sistema, a República não aceitou essa nova identidade nordestina, de lutador, de quem não aceita tudo que lhe é imposto, e antes que ela se tornasse de todos eles acabaram com o arraial, queimaram a cabeça de Antonio Conselheiro, para que nada restasse daqueles que quiseram ser diferentes e quiseram enfrentar o sistema.

Também concorda com esse pensamento OLIVEIRA (2002) ao afirmar que o sertão é descrito pejorativamente por Euclides da Cunha e que para os sertanejos era impossível se desenvolver e alcançar a civilização. O sertão era o outro, símbolo do que não era nacional.

“A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontavam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso” (CUNHA, 1995, p.122, apud REZENDE, 2001, p.212).

Para Euclides, o isolamento da população foi um ponto positivo para evitar a mestiçagem, e assim se desenvolver de que houvesse muitas misturas de raça.

O jagunço e o cangaceiro tinham que ser tomados, segundo Euclides da Cunha, como produto histórico das condições sociais reinantes nos sertões. Eles eram forças sociais desvairadas por causa da indisciplina, do banditismo, da desordem, dos

estigmas que marcavam a população mestiça, do mandonismo político e da intransigência das leis. (REZENDE, 2001, p.218)

Os sertanejos deveriam ser tratados como donos do sertão, e não como invasores e inimigos do Brasil, eram brasileiros vítimas do isolamento, e segundo o determinismo, vítima do ambiente e da raça, não tinham culpa por terem uma identidade que ao mesmo tempo eram bárbaros e servis, aquela guerra não era culpa única dos nordestinos, mas do Brasil que os abandonou.

Segundo DIAS (2005), quando Euclides da Cunha diz que “O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral” (CUNHA, 1998, p.118), ele está fazendo uma comparação entre o sertanejo e o litorâneo, por viver isolado dos demais povos, recebeu poucas influências, assim se torna mais forte que o povo do litoral. Ainda segundo DIAS (2005), os litorâneos foram considerados inferiores em relação aos nordestinos, por sofrerem influências dos negros e brancos, que “apesar de serem superiores às outras raças, viviam em desvantagem por não estarem arraigados à terra na qual possuíam suas origens”(DIA,2005 p.4).

Para Euclides da Cunha, segundo REZENDE (2001, p. 223),

a incivilização do homem das cidades era mais grave que a do sertanejo. Aqueles primeiros não tinham a menor noção das condições sociais e políticas vigentes no país como um todo e se contentavam com os autos-defé de alguns jornais que insistiam que aqueles segundos haviam formado um exército rigorosamente treinado e poderoso e, portanto, não eram somente um bando de fanáticos.

Não eram apenas os sertanejos tidos como fanáticos e messiânicos, por seguirem Antonio Conselheiro, por dar sua vida por ele e pelo Arraial, mas Euclides afirma que havia um fanatismo por parte dos republicanos, estes eram mais incivilizados que aqueles, pois tinham o conhecimento das condições sociais, leis, da política do país, e mesmo assim massacraram todos os sertanejos em nome da República. Havia aí um ponto em comum entre os inimigos. Porém os republicanos eram tidos como raça superior.

Os soldados degolavam e estripavam os que ousavam sobreviver ao massacre que recaiu sobre o povoado de Canudos do modo mais bárbaro possível. E como reagiam os sertanejos diante disso tudo? “*Permaneciam mudos, estoicos, inquebráveis. Pareciam resurgir das cinzas*” (CUNHA, 1995, p.593).

Assim se havia alguma lição de supremacia, esta era dada pela comóvete resistência dos jagunços. “*Canudos não se rendeu. Exemplo único na história brasileira. Resistiu até o esgotamento*” (CUNHA, 1995, p.642; apud. REZENDE, 2001, p.224).

Devido a superação dos jagunços, a sua resistência a três expedições, e a três meses na quarta, este povo mostrou que era superior a qualquer outro, não se rendeu em momento algum, quando entregaram 300 sertanejos, haviam entre eles o peso morto de uma batalha, velhos, criança e mulheres. Lutaram até mesmo depois de seu líder estar morto, até mesmo com a certeza da morte, no último dia ficaram 4 sobreviventes, dois homens, um velho e uma criança, contra os soldados furiosos e desejosos do sangue, do aniquilamento total daqueles que se mostraram realmente superiores.

Para Rezende (2001, p. 206), o fim da guerra não foi o fim dos sertanejos, foi a consagração desse povo.

O estudo de Euclides da Cunha sobre a guerra de Canudos procurou revelar o significado do embate entre duas civilizações bárbaras, ambas brasileiras, através, principalmente, da obra de Spencer. A impossibilidade da mudança social alinhavava as suas reflexões acerca das perplexidades, dos absurdos, dos desconhecimentos e das ignorâncias revelados, de uma só vez, por este embate entre os homens do litoral (leia-se soldados, políticos, intelectuais, etc.) e os do sertão.

Havia uma grande diferença entre sertão e litoral, sendo o litoral tido como superior, por conta de seu desenvolvimento, como o Nordeste era esquecido e isolado, não se desenvolveu em termos de economia, daí dizer que os nordestinos eram inferiores aos povos do litoral. A guerra de Canudos, narrada pelo ponto de vista de Euclides da Cunha, mostra a realidade do povo brasileiro, as condições dos nordestinos, capazes de enfrentar suas dificuldades e lutar por um ideal, mas mostra também que o litoral é inferior ao sertão por contada raça e da influência que cada um recebeu. Se saindo assim uma identidade inferior dentro do Brasil não só em relação ao litoral, mas também com o sul do país.

“A obra de Euclides da Cunha é altamente emblemática deste genocídio em nome da identidade.” DECCA (2002, p.101). Todo um povo massacrado, para que o poder pudesse mostrar sua força e deixar claro, quando não deixa nenhum sobrevivente, nenhuma casa em pé, nem os restos mortais de Antônio Conselheiro, que ninguém pode ir contra o sistema.

*Os Sertões* é talvez a maior obra de nossa literatura por deixar expostas as feridas da diferença e da exclusão social e denunciar os crimes cometidos em nome da identidade nacional. Euclides é o mestre guia destes tempos onde a identidade nacional é tão apregoada pela mídia, enquanto á nossa volta aumentam os espaços de exclusão social e cultural (DECCA, 2002, p.101).

Euclides da Cunha, mesmo com um olhar preconceituoso para o nordestino, ao se basear nas ideias racistas, mostra com clareza a destruição de uma identidade, de um povo que quer mudar o rumo de suas vidas, que não aceita mais sofrer nas mãos dos poderosos, fogem da identidade tida como normal para serem o diferente e pagam o preço com suas vidas.

### **3.2 VIDAS SECAS – GRACILIANO RAMOS**

*Vidas Secas* foi publicado em 1938, pertence a segunda fase do modernismo, sendo um romance regionalista. A obra foi escrita em 3ª pessoa, nasceu do conto *Baleia*, é uma junção de contos em que o leitor pode iniciar a leitura de qualquer capítulo. O livro é formado por 13 capítulos: *Mudança, Fabiano, Cadeia, Sinhá Vitória, O menino mais novo, o menino mais velho, Inverno, festa, Baleia, Contas, O soldado amarelo, O mundo coberto de penas e Fuga*. O livro narra a saga de uma família, Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo e o menino mais velho, a cachorra baleia e o papagaio. A família está fugindo da seca e se refugia em uma fazenda abandonada; lá Fabiano trabalha para o dono da terra, mas é roubado em seu pagamento, decide reclamar, porém sua situação de inferioridade e dependência do emprego faz com que ele peça desculpas ao seu patrão; sinhá Vitória sonha apenas com uma cama de couro, não tem grandes expectativas da vida, sabe que sua condição de pobre, seu sofrimento pela seca, miséria e desigualdade não mudarão. Seus filhos não têm nome, são chamados o menino mais novo e o menino mais velho, como os animais. A cachorra Baleia é tão submissa quanto seus donos, mesmo sendo atacada por Fabiano não têm coragem de mordê-lo, e o papagaio foi morto durante o período que procuravam um lugar para sobreviver a seca, assim como todos, também não falava. Os personagens não conversam muito, murmuram, apenas, trocam poucas palavras. Fabiano é comparado a um bicho, se sente um bicho. O livro termina em outra seca e outra retirada da família, agora sem Baleia, a cachorra, que ficou doente e foi sacrificada por Fabiano e sem o papagaio (que também não falava) que morre no início da caminhada para saciar a fome dos retirantes.

A obra mostra a realidade daquela época, onde a desigualdade, miséria, fome e seca dominavam as famílias pobres, deixa claro que o governo nada faz para mudar essa realidade, já que o livro termina no mesmo ponto onde inicia, com a retirada da família por conta da seca. A família de Fabiano representa a família do nordestino, que sofre com o clima, e com a falta de apoio do governo.

O que Graciliano aqui acusa é o sistema social que embaça o espelho, impedindo assim, ao indivíduo, a visão de si, reflexiva. A despossessão de Fabiano é a mais completa: além da despossessão que a retificação reitera (é um “cabra”, um “bicho”), e da despossessão da palavra, há mais: o desejo do mesmo Fabiano é um desejo “alheio” porque mediado pela figura do Seu Tomás. Não é genuíno, não tem origem nele, mas é feito por “procuração” (...) Fabiano empresta um rosto anônimo à máscara social. (HOLANDA, 1992, p.30. apud, REDSON, 2011, P.76)

Este livro aborda principalmente a questão da fala, o quanto é importante saber se comunicar; a falta de fala de Fabiano mostra um sistema opressor, uma sociedade que está dividida entre os que podem falar e os que não podem para ele não adiantava falar, pois não tinha quem o escutasse. Para quem reclamaria das injustiças que sofria? O patrão, os impostos do governo, o soldado. O governo não estava para ajudá-lo, este estava esquecido. Aqueles que são patrões, estudados, ganham prestígio enquanto que os analfabetos orais se consomem no silêncio. O nordestino Fabiano não sabe lidar com as palavras, e aquele que sabe tem um valor maior na sociedade, esse caso ainda é atual, pessoas que falam bem são mais respeitadas pela sociedade, demonstrando assim o poder da linguagem, e a dominação pelo silêncio.

Ali [em *Vidas Secas*], os obstáculos que os sertanejos encontram para sua integração no mercado de trabalho e, portanto, sua humanização, são a presença solidária da hostilidade natural e social, contra a qual lutam, entretanto. O enfrentamento do mundo hostil, naquelas condições particulares, passa a significar de modo mais abrangente a relação dos despossuídos com seus opressores para o conjunto do país, como também tem a ver com as condições do próprio texto radical no mercado capitalista (e mais ainda num mercado infracapitalista, como era aquele em que a obra circulou de início). (FACIOLI, 1987, p.99, APUD, ARRAES, 2011, p.54).

A falta de comunicação, ou a falta de resposta do oprimido é mostrada pela linguagem, e a relação que os sertanejos tem com a mesma. Se o oprimido está calado demonstra que o opressor conseguiu silenciá-lo de todas as formas e assim explorara-lo cada vez mais, aquele não tem direito, nem mesmo da fala.

Para HOLANDA (1992, p.35), “O silêncio de Fabiano expõe uma opressão”, é o silêncio dos oprimidos pelo sistema, pelo social, aquele que foi esquecido e não têm expectativas de melhoras em sua vida; esse silêncio não o deixa reagir contra o soldado amarelo, contra o patrão. “É uma sofrência, silenciosa e ancestral de quem tem destino de boi mal guiado” (HOLANDA, 1992, p. 36). Acostumou-se com o que lhe é oferecido, pouco dinheiro, muito trabalho, submissão, humilhação, não consegue mudar essa realidade, não depende só dele. “O silêncio de Fabiano é feito de incompetência lingüística: não sabe o discurso a sustentar; nem onde, quando e a quem”. (HOLANDA, 1992, p. 40). Não sabe se

comunicar, tem medo de se expressar, pois enxerga uma situação onde sua voz não será ouvida, não adianta falar, faz parte da submissão que ele sente pelo patrão, pelo branco, pelo governo. ”Fala pouco porque imagina pouco”(HOLANDA, 1992, p.41).

CÂNDIDO (1992) também concorda com Holanda, ao associar a fala de Fabiano com seu pensamento, não fala porque não pensa. Não há necessidade de pensar, já que sua vida é cuidar de animais, e para tanto não há necessidade de comunicação verbal, basta gestos e sons onomatopéicos, Sinhá Vitória sabe fazer contas e sabe falar, faz isso por ele.

“Paulo Honório e Luís da Silva pensam, logo existem; Fabiano existe simplesmente. O seu mundo interior é amorfo e nebuloso, como o dos filhos e o da mulher. O que há neles são os mecanismos da associação e da participação; quando muito, o resíduo indigerido da atividade quotidiana. É, portanto, mais que simples, primitivo; e o livro, mais tosco do que puro” (CÂNDIDO.1992, p.45 apud . MACHADO.2003, p. 182).

Para Kury (1995), o fato de Fabiano e sua família não falarem e esse ato ser interpretado como falta de pensamento soa como um preconceito, como se estes não fossem capazes de pensar. “Há mesmo um preconceito firmado, em parte da crítica, de que os seres de *Vidas Secas*, rudimentares, são incapazes de pairar num plano psicológico”(KURY,1995, p. 817, apud MACHADO,2003 p.184).

Fabiano é inferiorizado, não tem posse de ser homem, pois se denomina como um bicho, não sabe falar, murmura como animais, não consegue se impor frente aos poderosos que encontra, como o dono da fazenda, o soldado amarelo, o sistema em que está inserido. Este representa o nordestino massacrado pelo sistema, comparado ao animal, que vive para servir seu dono.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. [...]Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: – Você e um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades (RAMOS,2004,p.18).

Neste trecho podemos notar que Fabiano quer se assumir como homem, pelo menos para ele, mas com medo do julgamento do outro não assume, ele olha em volta pra ver se alguém o ouviu se chamar de homem. Se corrige e se identifica como bicho, pois é essa a identificação que a sociedade faz dele. Em relação a assumir sua identidade, Bakhtin afirma:

“na autoconsciência do herói penetrou a consciência que o outro tem dele, na auto-enunciação do herói está lançada a palavra do outro sobre ele; a consciência do outro e a palavra do outro suscitam fenômenos específicos que determinam a evolução temática da consciência de si mesmo, as cisões, evasivas, protestos do herói por um lado, e o discurso do herói com intermitências acentuais, fraturas sintáticas,



repetições, ressalvas e prolixidade, por outro” (BAKHTIN, 1981.p 182, APUD, MARINHO, 2000, p. 100).

Para MARINHO (2000), ao se considerar um bicho existe uma lado positivo e outro negativo: positivo ao mostrar que o sertanejo é forte, capaz de vencer suas dificuldade em uma terra tão difícil, e negativo ao ponto que ao se comparar com animais se mostra dominado por outros homens.

Esse nordestino tem uma condição subumana, e é consciente desta posição que ocupa no mundo, é um animal porque não tem poder, riqueza ou estudo, mas se diferencia deste por ter família para sustentar, sabe que não mudará sua vida para melhor por não haver oportunidade, não haver ajuda do governo. A seca e o sistema o matam. Se sente tão inferior ao estado de ser homem que não consegue sequer assumir para si mesmo, tem medo que alguém o ouça se denominando como homem, porque para si e para a sociedade ele era um bicho, sentia orgulho de vencer suas dificuldades como um animal que obedece a seu dono que o alimenta e dá abrigo.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes, utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admira as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS,2004,p.19-20).

Graciliano Ramos compara a identidade nordestina representada por Fabiano como um animal por viver longe da civilização, por se confundir com um cavalo e falar com ele, e usar essa mesma linguagem com as pessoas. Além de não conseguir ficar em pé, posição de pessoas, mas pender para um lado e outro como um animal feio. Porém mostra a identidade do sertanejo, que sofre para sobreviver a seca e as injustiças da sociedade, o abuso das autoridades representadas no patrão e no soldado amarelo, mostra sua voz silenciada não apenas pelo fato de não saber se comunicar, mas pela certeza de não ser ouvido, de não haver espaço para ele no sistema em que vive.

Havia muitas coisas. Ela não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as vendas. Seu Tomás as bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. (RAMOS.2004.p. 34)

Este trecho mostra o conhecimento de seu Tomás, pois o mesmo sabe ler, em consequência disso sabe falar bem, representa o ser culto, o aceito pela sociedade, enquanto que Fabiano como não sabe nem uma coisa nem outra, é inferior socialmente, não significa um homem para a sociedade, significa um bruto, um bicho, está abaixo da humanidade.

Mas Fabiano queria saber falar, passar ensinamento para seus filhos, mas sua condição não lhe permitia estudar, a ele fora negado o direito da expressão, era excluído da sociedade, não entendia muitas vezes o que lhes diziam, eram palavras desconhecidas. Ele se sente tão inferiorizado e isolado do mundo das palavras que acredita que não precisa delas. “Pra que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica?” (RAMOS, 2004, p. 97). Também sentia medo de se expressar por ser mal interpretado algumas vezes, julgava o falar perigoso. “Às vezes dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões” (RAMOS, 2004,p.97).

Fabiano está envolto em uma tradição de cuidar de animais, servir ao patrão, sair da fazenda quando a seca chegar, não tem expectativa de mudança. Para HOLANDA (1992, p.42), “O peso da tradição oprime e ao mesmo tempo protege.” Oprime porque existe um determinismo que os força a seguirem os mesmos caminhos, seu avô foi vaqueiro, Fabiano é vaqueiro, seus filhos serão vaqueiros, estarão sempre a obedecer o patrão, o dono da terra, jamais terão a sua própria terra, e protege porque não o deixa encarar o desconhecido, o caminho incerto. “Os meninos eram brutos como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo” (RAMOS,2004,p.38).

Por sua vez o menino mais novo admirava o pai, sabia que seria igual a ele, nada mudaria. “Naquele momento Fabiano lhe causava grande admiração. Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda peito, era a criatura mais importante do mundo” (RAMOS,2004,p.47). Se para a sociedade Fabiano não passava de um bicho para seu filho era um exemplo, um ídolo, e sua voz era ouvida por eles.

O menino mais velho por sua vez também não sabe falar,

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicada, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se (RAMOS,2004,p.59).

Se por um lado o livro mostra o silêncio das pessoas, a falta de pensamento; a animalização, por outro mostra a cachorra Baleia como um ser humano, que pensa e tem desejos.

Baleia queria dormir. Acordara feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás (RAMOS,2004,p.91).

Existe uma proximidade muito grande entre homem e animal, a família é semelhante aos animais, pois, por serem excluídas de uma vida social, por sofrerem com a falta de água, comida, por lutarem pela sobrevivência se assemelham aos animais que apenas têm a vida, obedecem a seus donos em troca de alimentos, em troca de não morrerem de fome.

Graciliano Ramos mostra que os retirantes têm consciência de sua situação perante a sociedade, “Pode-se dizer assim que, em *Vidas secas*, além de abordar a vida subumana dos sertanejos, Graciliano Ramos aborda a própria consciência que essas pessoas têm da situação de miséria e de dominação em que vivem”(MARINHO, 2000. p. 80).

Este livro ressalta a questão da exploração e opressão social através da fala, o não falar de Fabiano o impede de se defender, mas esse não falar não é apenas porque o mesmo não sabe, mas principalmente porque sabe que sua voz não será ouvida; é uma família muda, nem seu papagaio fala: “Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil”(RAMOS, 2004, p.11). Sinhá Vitória decide matar o papagaio, ele é inútil porque não fala, imitava Fabiano e latia como Baleia. Não fala porque não os ouvia falar.

O ato de não falar, não se impor diante das injustiças deixa a opressão ainda pior, não se defende de nada, sua obediência é tanta que nada do que faça ou fale mudará sua situação, estava acostumado a obedecer e nada mais. “Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia” (RAMOS,2004,p.27). Dependia dessa obediência para sobreviver, sustentar os filhos, andar na rua. Mesmo quando foi preso injustamente não se defendeu, aceitou; mesmo tendo plena consciência de que não estava errado, o soldado amarelo abusava de seu poder, assim como o governo abusava dele.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. [...]

A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto rosnado:

\_ Hum! hum! ( RAMOS, 2004, p. 30).

Fabiano é rebaixado a nada, a um animal sem leis que o defenda, jogado em uma sela escura como um bandido, sente-se humilhado, indefeso, não é capaz de se defender sozinho, o sistema em que está inserido o explora, humilha, prende, cobra impostos, ele sozinho é

incapaz de mudar sua tradição. Mesmo acostumado a obedecer. “\_ Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita” ( RAMOS,2004,p.33). O costume reza que o governo é o poder sobre todos, não é vergonhoso obedecê-lo, e apanhar dele. O governo deveria protegê-lo e não maltratá-lo, humilhá-lo, oprimi-lo.

Mas mesmo assim sente vergonha, deseja mudar sua realidade, quer matar o soldado amarelo, para mostrar que é homem, não se importa de ser preso se sua identidade de homem for preservada, mas como não mata o soldado, não se considera um homem, não se considera nada.

“Devia ter furado o pescoço do amarelo com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse preso a respeitado, um homem respeitado, um homem. Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo. Não era homem, não era nada. Aguentava zinco no lombo e não vingava.

\_ Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele ( RAMOS,2004,p.111).

Fabiano diz pra si mesmo para que se torne homem, mate o soldado, mate o patrão explorador, mate o governo, se liberte de todo o mal que sofre, do sofrimento da sua família, ele pede a si mesmo que faça alguma coisa. Mas o que poderia fazer? Só sabia obedecer.

“As contas do patrão eram diferentes, arranjadas a tinta e contra o vaqueiro, mas Fabiano sabia que elas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. Enganava que remédio? Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e aguentava zinco no lombo. Podia reagir? Não podia ( RAMOS,2004,p.113).

O sistema não o deixa reagir. Como? Por quem chamar? A quem recorrer? Estava sozinho contra a exploração do sistema, de nada adiantava reclamar, falar, nada mudaria sua situação. “A exploração do homem tem seu esteio no arrancar-lhe a palavra: emudecê-lo é reduzi-lo a nada; é, assim, facilitar o mando – impedindo ao outro a palavra que forja a possibilidade de sonhar outro destino, outro diverso” (HOLANDA, 1992, p.43). Ele queria poder se defender, ser protegido pela lei, mas não era nada pra sociedade, “Muito bom uma criatura ser assim, ter recurso para se defender. Ele não tinha. Se tivesse, não viveria naquele estado” (RAMOS,2004,p.98).

Para Fabiano o branco mandava e ele obedecia, estranhava seu Tomás da bolandeira ser cortês, um home que sabia falar deveria também saber mandar, com gritos, com rigor com dureza, mas seu Tomás era diferente e mesmo assim o obedecia. “Seu Tomás da bolandeira

falava bem, estragava os olhos em cima dos jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês” (RAMOS, 2004, p. 22).

O livro continua atual no ponto em que quem manda é o sujeito letrado, estudado, dono de posses, o ser autoritário, obedece quem não teve oportunidades, quem não sabe ler, quem não tem posses.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divulgação da identidade nordestina como vítima da seca foi propagado não só pela literatura como também pela mídia, músicas, novelas, cinemas. O nordestino tende a ser colocado no lugar de vítima da seca e do destino.

Os livros *Os Sertões*, publicado em 1902, e *Vidas Secas*, publicado em 1938, têm 36 anos de diferença, porém trazem traços semelhantes, em relação ao determinismo; se por um lado Euclides descreve o nordestino baseado nas teorias raciais do século XIX, o nordestino é fruto da terra, para Graciliano os sertanejos estavam condenados a viver na pobreza porque nasceram assim e ninguém tinha culpa, morreriam assim, sem mudar nada em suas vidas, e não podiam mudar seus destinos, era o destino de seu pai, o de Fabiano e seria o de seus filhos.

A identidade nordestina nos livros é iguais, opressão, sofrimento, seca, isolamento, desrespeito. Ambos nos mostram uma identidade de nordestino inferiorizado pela sociedade, seja pelo determinismo biológico, geográfico, pelo meio pela raça, pelo sistema, seja pelo dono da fazenda, o governo, o soldado amarelo. Assim como o governo massacra o povo de Canudos, o governo de *Vidas Secas* age da forma parecida ao não proteger todos os cidadãos, ao esquecer-se do nordestino que precisava de leis e não apenas de impostos, ao silenciá-los.

O sertanejo é um ser que precisa a todo instante lutar pela vida contra a seca.

Se para Euclides da Cunha o sertanejo é inferior devido ao meio em que vive para Graciliano Ramos ele é um bicho, por não dominar a linguagem, por viver longe da civilização, nem mesmo se considera homem. Fabiano não assume sua identidade de homem, mas de animal, tem medo que alguém ouça que ele se sente homem, o sistema o faz pensar que é um animal, inferior aos outros homens, não só por não saber falar, mas devido a sua pobreza, a sua falta de alimento, água, casa, dinheiro.

De acordo com BAUMAN(2005) a identidade tem um sentido ambíguo, ao mesmo tempo em que ter uma identidade fixa garante uma segurança, por outro lado é algo malvisto ser identificado com algo inflexível. Para os nordestinos de *Vidas Secas*, permanecer com a identidade de animal era uma *proteção contra o caminho mais incerto e desconhecido, já para os protagonistas de Os Sertões* custou-lhes a vida tentar melhorar suas condições. Uns excluídos pela linguagem, outros massacrados pela guerra, nenhum vencedor, apenas vencidos.

Essa foi a identidade de nordestino que foi repassada para o Brasil. Não era mentira, era verdade. O nordestino foi um povo muito sofredor e ainda hoje o é, sofre preconceito principalmente em relação a sua variação linguística; o nordestino ainda é tachado como aquele que fala tudo errado. Muitos anos se passaram, mas a identidade do nordestino permanece esta, quando se pensa em Nordeste o que vem a mente é a seca, é o sofrimento, esquece-se que há chuvas, que existem praias; esquece-se não, acontece que esta paisagem não foi divulgada.

E hoje o nordestino não é mais tão sofredor com a seca, não precisa mais viver como retirante, a identidade agora é de um povo que venceu suas dificuldades.

## 5. REFERÊNCIAS

- ARRAES, Danielle de Campos Gaspar . **Linguagem, Poder & Educação: Vidas Secas de Graciliano Ramos e o Estado Novo de Getúlio Vargas**. Revista Litteris – ISSN: 19837429 n. 8 – 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar.2005
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro. Record.1998.
- DECCA, Edgar Salvadori de. **Tal Pai, Qual Filho? Narrativas da identidade Nacional**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. E-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442 v.24, 2002.
- DIAS, Léa Costa Santana. **Os Sertões: Um texto (Discurso) Marginal**. I ENECULT. Universidade do Estado da Bahia.2005
- FARIA, João Roberto. **O sertão e Os sertões**. Beth Brait (org). São Paulo. Arte e Ciências. 1998.
- HALL, Stuart. **Identidade e Diferença a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org), Woodward, Kathry. Rio de Janeiro. Vozes, 2009.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós- Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- HOLANDA, Lourival. **Sob o signo do silêncio: Vidas Secas e o Estrangeiro**. São Paulo- Ed. da Universidade de São Paulo, 1992.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001
- MACHADO, Duda. **De volta a algumas leituras**. REVISTA USP, São Paulo, n.58, p. 182-199, junho/agosto 2003
- MARINHO, Maria Celina Novaes. **A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances *Angústia* e *Vidas secas***. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000.
- OLIVEIRA, Ricardo de. **Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo**. Rev. Brasileira de História. vol.22 no.44 São Paulo 2002
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.



RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio, São Paulo. Record. 2004

REDSON, José Carlos. COSTA, Maria Edileuza da. A Leitura literária como experiência de vida: *vidas secas* e as máscaras da denúncia na sala de aula. Carlos Gildemar Pontes (Org). **A Literatura e seus tentáculos: saberes e dizeres sobre a arte literária e sua essência**. Campina Grande – PB: Bagagem, 2011.

REZENDE, Maria José de. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, 13(2): 201-226, novembro de 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Diferença e identidade: o currículo multiculturalista**. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **A construção da imagem do nordestino/sertanejo na Constituição da identidade nacional**. Trabalho apresentado no II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 03 a 05 de maio de 2006, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

VIANA, Núbia de Andrade. SAID, Gustavo Fortes. **Identidade e estereótipos: as telenovelas como narrativas identitárias**. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI ISBN: 978-85-98711-10-2